

< A TECNOFOBIA CONTEMPORÂNEA >

CONTEMPORARY TECHNOPHOBIA

Ivan Ramos > Curador Convidado > Guest Curator

A cultura trata o objeto técnico como o homem trata o estrangeiro quando se deixa levar pela xenofobia primitiva. O misoneísmo orientado contra as máquinas e menos um ódio pela novidade do que uma recusa da realidade estrangeira. “Ora, esse ser estrangeiro é ainda humano, e a cultura completa é aquilo que permite descobrir o estrangeiro como humano.

Gilbert Simondon

Existem muitas definições sobre a tecnofobia, mas quase todas têm em comum o medo, a ansiedade e a agressividade em relação às novas tecnologias, que estão cada vez mais complexas e se desenvolvem em um ritmo vertiginoso, o que por sua vez acaba alimentando todo tipo de paranóia e melancolia. Entretanto, o medo de um mundo governado por uma inteligência artificial maléfica ou de que os robôs vão tomar nossos empregos não é nada novo, pois está

presente no nosso imaginário há séculos e registrado na história do desenvolvimento humano.

As grandes inovações tecnológicas verificam-se desde o surgimento da humanidade, pois homem e técnica são inseparáveis. Porém, o intervalo entre essas inovações foi se estreitando cada vez mais - principalmente a partir da revolução industrial - provocando um fenômeno que o filósofo Bernard Stiegler vai chamar de “inovação permanente”, em que a técnica tende a transformar a si mesma continuamente. Isso significa que existe um risco de separação perpétua entre o homem e a produção humana, de maneira que o discurso tecnocientífico aparece como único discurso possível.

A cultura pop contemporânea evidentemente absorveu e codificou essa tendência. Para isso basta observar o sucesso comercial das narrativas distopias no cinema, na literatura, na arte contemporânea e em outros campos. A popularidade da série Black Mirror talvez seja uma das expressões mais claras do espírito tecnofóbico do nosso tempo. O bordão “cara, isso é muito Black Mirror” se transformou em um meme viral. Em uma palestra o

antropólogo Eduardo Viveiros de Castro disse que atualmente a nossa maior fantasia é sobre um mundo sem gente, um mundo depois de nós, que por sua vez revelaria um niilismo profundo. Portanto, nossa obsessão por zumbis, vampiros, impérios comandados por máquinas sinistras e superinteligentes - por tudo aquilo que poderia amestrar ou varrer o ser humano da face da terra - estaria longe de ser uma mera casualidade.

De fato, a inteligência artificial já está substituindo o trabalho humano em muitas áreas, porém operando como um vetor de desigualdade social, sob o discurso de que não há alternativa. A implantação dessas tecnologias vem se dando de acordo com interesses privados em conluio com os Estados, sem que haja uma discussão mais profunda com a sociedade, que se vê atônita em sua incapacidade para refletir sobre as questões técnicas e normativas que o problema impõe. Está claro que a formulação de um projeto contra hegemônico vai depender, em primeiro lugar, da nossa capacidade de entender o que está acontecendo para então podermos utilizar o potencial tecnológico de maneira que seja

benéfico para a coletividade. Isso passa necessariamente pelo estabelecimento de uma outra relação com as máquinas, que não tenha como premissa essa neurose apocalíptica e tecnofóbica. Nesse sentido, um dos grandes gargalos está na educação formal, que ainda insiste em ensinar a operar, mas não a compreender o funcionamento e o modo de existir das máquinas de forma mais ampla, plural e inventiva, relegando-as a uma categoria de instrumentos subordinados aos propósitos humanos.

Se a arte em alguns aspectos contribui para a consolidação das estruturas de poder, ela é também o lugar da interdisciplinaridade, da adaptabilidade e do hibridismo, características que permeiam de formas distintas todas as obras expostas na bienal, e que são fundamentais para grandes transformações.